

Sobre a Interpretação Nietzscheana do “Socratismo” no Nascimento da Tragédia no Espírito da Música.

Marcelo Marega Faina (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientadora: Scarlett Marton

“Olhais para o alto, quando aspirais por elevação. E eu olho para baixo, porque estou elevado. Quem de nós pode ao mesmo tempo rir e estar elevado? Aquele que galga as mais altas montanhas ri de todas as tragédias lúdicas e de todas as tragédias sérias.” (Za/ZA I “Do ler e escrever”)

A história da filosofia tem na figura de Sócrates um de seus pontos de inflexão: prova disso é a já consagrada divisão entre os filósofos pré-socráticos e os que vêm depois de Sócrates. Fardo esse herdado, sem “sombra” de dúvida, “graças” à total entrega do mais ardoroso sectário dessa nova “seita” inaugurada por Sócrates, seu discípulo Platão. Não visamos aqui analisar a imagem construída em torno do “Sócrates dos diálogos platônicos” ao contrário, faremos um esforço para apresentá-lo sob uma nova roupagem, uma perspectiva mais próxima de nossos dias e mais livre de preconceitos, esses que eventualmente o “amor desenfreado” de um aluno poderia acarretar com respeito ao seu mestre.

Platão nos testemunha em sua obra capital, A República, que de “bom grado” sacrificou seu futuro promissor como poeta, para unir “gregariamente” suas forças junto ao rebanho das jovens ovelhas atenienses desgarradas. Não sem razão, na medida em que, segundo a própria interpretação nietzscheana que nos é dada, teria sido a Sócrates quem coube o quinhão do enunciado da “palavra mais penetrante desse culto novo e inaudito ao saber e ao entendimento” (GT/NT, #13, grifo meu). Assim, poderíamos pensar que nós filósofos padecemos de uma aguda fenda em nossa própria história, para não dizer uma mal-dita ferida talvez ainda não totalmente cicatrizada. Corte esse, originado talvez, por uma espécie de “monstruoso espectro”, um misto de “bufão” e “sacerdote” de riso e seriedade, identificado com a figura de Sócrates. Esse que ocupando lugar privilegiado em relação aos seus ingênuos interlocutores, teria sido por Platão elevado a título de “herói” dramático em seus diálogos, mas que ironicamente, não chegaria a ser nem sombra, ou pó, de qualquer “herói guerreiro” homérico.

Ó Sócrates, tu que sendo levado por uma força sobrenatural, por um vaticínio proveniente da boca da Pítia, ou Pitonisa, depositou sem hesitação, sua fé nessa tão agradável sabedoria oracular, que dizia ser ele o homem mais sábio, dentre os mortais. Mas Sócrates rapidamente se dispôs à maneira edipiana, a devorar a esfinge que se colocava em seu caminho, como um decifrador de enigmas, tinha de retirar o véu e ver por trás dessa mensagem otimista um propósito. Assim, Sócrates parece dar o passo definitivo em direção à edificação de sua “personagem” quando assume tal atitude interrogativa, atitude essa que da perspectiva da posteridade, será estimada como a principal herança socrática, como um de seus traços mais

marcantes, o que se evidencia pelo próprio “método socrático”, a maiêutica, se é que podemos falar em método nesse momento da história da filosofia.

Assim, Sócrates ao voltar-se para si mesmo, em busca de uma tradução para essa profecia oracular, que sob alguma máscara ocultava seu destino, parecia fazer-se soar aos seus ouvidos humanos, demasiadamente humanos, como o “balbuciar de uma língua estrangeira” um novo enigma a ser decifrado. Desse modo, Sócrates interpretou a seu gosto aquelas “palavras divinas”, que vinham como relâmpagos diretamente das nuvens, de um além no qual não participavam meros mortais. Mas como o grego virtuoso que era, Sócrates buscou conhecer sua condição humana, notando o quanto ela estava influenciada pelos frutos da cultura grega. Cultura essa que produzira a “montanha mágica do Olimpo” criando assim um “mundo intermediário” onde habitavam deuses antropomorfizados, feitos à nossa imagem e semelhança. A partir desse solo mitológico, que operava como um “consolo metafísico” uma espécie de muleta para o coração do grego, nesse sentido sintoma de *decadência*, de forças declinantes, de covardia até, é que nasceram as tragédias.

A tese que norteia O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música, leia-se espírito poético, segundo a interpretação proposta por Nietzsche para explicar as passagens dos diversos movimentos dos gêneros literários gregos, do épico ao trágico e desse ao cômico, passando pelo dramático, é que a existência das tragédias seria a prova de que os gregos não foram pessimistas, na medida em que elas não só dariam cabo do pessimismo, mas além disso também o superariam. Assim, poderíamos já adivinhar o que teria impulsionado nosso filósofo à dedicar-se a esse assunto aparentemente tão doloroso e “pesado” como o sofrimento dos homens.

Farejamos então o fascínio que a tragédia exerceu em Nietzsche, que seduzido pela possibilidade de uma expurgação definitiva dos tormentos mais profundos do homem, teria buscado agarrar-se fortemente no caule da efêmera vida da tragédia ática. A superação do pessimismo viria através da “sublimação” da vida ordinária, que incitaria sentimentos catárticos como o de terror e o da piedade, funcionando como um “espelho transfigurador” do sofrimento humano, esse que era compartilhado pelos deuses, já que eles também estariam sujeitos à uma “justiça transcendental” à inexorável Moira que pairava sobre todas as cabeças, para utilizar uma palavra tão cara à Nietzsche, ao *fatum*. Isso posto, talvez possamos agora retirar mais um véu que cobre essa figura tão enigmática que foi Sócrates...

Vemos então, que a mitologia grega, operando um tipo muito singular de “transposição antropomórfica do mundo”, imbutia no seu povo através das figuras metafóricas de seus deuses, um excedente de força, uma coragem sobre-humana, tão necessária para o embate das vicissitudes da vida. Dessa perspectiva, é que lançamos mão da seguinte idéia: Sócrates munido desse orgulho latente, beirando o abismo da pretensão, ousou sozinho, interpretar para si aquelas “divinas metáforas” dirigidas à sua pessoa. Vislumbrando a tarefa de questionar as pessoas na esperança de encontrar alguém mais sábio que ele com quem pudesse preencher o vazio de sua ignorância.

Qual não foi seu espanto, quando “constatou ser o único que confessava nada saber” (GT/NT, # 13), ao iniciar sua “perambulação crítica por Atenas” (GT/NT, # 13). Passando a denunciar de modo “sagaz” e sintomático a “fantasia do saber” que

reinava então.

Vejam os que Nietzsche tem a nos dizer sobre os contemporâneos de Sócrates: “ Com espanto reconheceu que todas aquelas celebridades não tinham um entendimento correto e seguro nem mesmo sobre sua profissão e a exerciam somente por instinto. ‘Apenas por instinto’: com esta expressão tocamos o coração e o centro da tendência socrática. Com ela o socratismo condena, tanto a arte vigente quanto a ética vigente: para onde dirigi seu olhar inquisidor, lá ele vê a falta de entendimento e a força da ilusão e conclui dessa falta que o que existe é intrinsecamente perverso e repudiável. A partir desse único ponto acreditava Sócrates ter de corrigir a existência: ele sozinho, trazendo no rosto a expressão do desdém e da altivez, faz sua aparição, como o precursor de uma cultura, arte e moral de espécie totalmente outra...” (GT/NT, # 13, grifo meu).

O que poderíamos extrair desse densa interpretação elaborada por Nietzsche? Primeiramente, destacaríamos que essa atitude socrática tem seu primeiro impulso devida à uma perplexidade da parte de Sócrates, seu “espanto” em reconhecer que somente ele “confessava” sua ignorância, enquanto que seus contemporâneos viveriam na “fantasia do saber”, já que não possuíam um “entendimento correto e seguro” nem mesmo sobre as funções que exerciam como cidadãos, agindo de maneira “desmedida”, guiando-se instintivamente. Aqui, caberia lembrar que Nietzsche ressalta essa “tendência socrática” de querer impor uma nova perspectiva, quebrando as “antigas tábuas de leis” pré-estabelecidas.

Antes de prosseguirmos na análise da citação, é importante destacar o uso de termos da metafísica clássica, como “entendimento” e “tendência” dentre outros, conceitos que em obras posteriores serão duramente criticados, por estarem ligados a algum tipo de dualismo metafísico. Esse uso evidencia que Nietzsche ainda estaria ligado à “referenciais externos” tanto filosóficos, como Schopenhauer, Kant e Hegel, quanto artísticos como Wagner ; o que não permitiria o florescimento de seu próprio pensamento filosófico, a partir do referencial Nietzsche, como se daria na maturidade.

Voltando ao problema de Sócrates, qual seria a grande responsabilidade que Nietzsche atribui à atitude socrática? Sócrates, ao condenar a “arte vigente” e a “ética vigente”, teria como que imposto sua própria sentença à todos os atenienses, impulsionado por aquela força sobrenatural, “demoníaca”... Ironicamente, ao voltar seu “olhar inquisidor”, Sócrates teria reconhecido uma suposta “falta de entendimento” e uma atuante “força da ilusão” mas não teria tido a “finesse” de reconhecer sua própria ilusão, na medida em que sua missão teria como solo um não-solo, um além. Como se isso só, já não bastasse para “crucificar” a soberba socrática, ele teve ainda a audácia de concluir, sintetizar, tomando por base seu próprio julgamento, aparentado à uma desqualificação da vida, como se ela não fosse digna de ser vivida. Não contente com isso, teria rogado uma espécie de praga contra ela, ao bradar do alto de sua ousadia, “que o que existe é intrinsecamente perverso e repudiável”. Com isso Sócrates, esse “semideus” como diz Nietzsche, destruiu com seu “punho poderoso” sua extremada racionalidade toda uma cultura da “sabedoria trágica” que tanto enobrecia e fortalecia o homem grego, uma aptidão mesma para encarar a vida em sua totalidade, no que ela trás de belo e terrível.

Dando sequência à análise da citação, se tomarmos o ponto de vista de um “olhar retrospectivo” como Nietzsche parece recomendar ao “filósofo artista”, em um texto posterior em que comenta O Nascimento da Tragédia, poderíamos talvez farejar o perspectivismo, ainda em germe, desenvolvido em obras posteriores. Nietzsche diz que somente a partir de um “único ponto” Sócrates teria feito seu julgamento e a partir desse viria a crer, que tinha de salvar a humanidade desse terrível fardo, que para ele parecia ser a existência. Dessa mesma perspectiva, ou talvez “retrospectiva” notamos outro tema tão caro à filosofia madura de Nietzsche, a solidão.

Sócrates assim como Nietzsche, também teria sido vítima do desdém de seus contemporâneos, esses que no caso de Sócrates não pertenciam à mesma “esfera celeste” de um “mundo das nuvens” para trazer à baila a irônica comédia de Aristófanes, sobre Sócrates, intitulada As Nuvens. Desse modo, Sócrates aparece, como um relâmpago caído dos céus, vindo a constituir segundo Nietzsche o “fenômeno mais problemático da antiguidade” Caberia então perguntar, mas porquê o “mais problemático”? Arriscando uma resposta, o indivíduo Sócrates, esse que vem do alto de sua solidão exercer sua individualidade contra um “instinto gregário” assim, entraria para a história como “o precursor de uma cultura, arte e moral de espécie totalmente outra” O “socratismo da moral” teria sido o responsável pela morte da tragédia, já que Sócrates falaria como sob um máscara, através da boca de seu amigo Eurípidés, que influenciado pelas máximas socráticas: “Virtude é saber; só se peca por ignorância; o virtuoso é o feliz” teria contribuído para a expulsão do herói trágico “por exelência” Dionísio e pela subsequente morte do “espírito trágico”

Isto posto, poderíamos concluir que Nietzsche parece efetuar uma “psicologia do desmascaramento” com respeito à Sócrates, denunciando-o como o inventor do protótipo do “homem-teórico” precursor da “civilização alexandrina” identificada com a cientificidade do “homem-moderno” o europeu de sua época, os “filisteus da cultura” Essa nova “consideração teórica do mundo” que traria consigo uma exigência de logicização, essa pretenderia através da racionalidade, ser capaz pelo pensamento da causalidade (lei da causa e do efeito), de chegar até os “abismos mais profundos do ser” Esse feito, para o jovem Nietzsche, somente a arte, mais especificamente o “gênero trágico” é que poderia fazer as honras. Assim, a existência parece sofrer uma perda, daquele conhecimento mítico.

Já que com esse duro golpe do destino, o conhecimento mítico que antes unia sob uma “bela forma” tanto a perspectiva da vida como a da morte, deixa de exercer sua plena “função” a vida passa a ser vista apenas superficialmente, de modo fenomênico, torna-se uma “ilustração”

Com isso, Nietzsche parece querer “ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...” (GT/NT, prefácio, # 2). De modo que, através dessa “psicologia do desmascaramento” da personagem “central” “divisora de águas” da história da filosofia que foi Sócrates, Nietzsche denunciaria Sócrates como o típico *décadent*, essa patologia que seria um sintoma de “fadiga fisiológica” A partir dessa perspectiva, Nietzsche já em sua obra de estréia teria vislumbrado a seu modo tão peculiar, extemporaneamente, uma das questões centrais de sua filosofia da maturidade, a

crítica à ciência como o único “porto-seguro” responsável pela produção das “verdades” humanas. Esboçando assim, bem à sua maneira “extemporânea”, uma crítica da cultura e dos valores humanos, na medida em que, teria já ousado colocar “o problema da ciência mesma entendida pela primeira vez como problemática, como questionável. (...) Não poderia ser precisamente esse socratismo um signo de declínio, do cansaço, da doença, de instintos que se dissolvem anárquicos? (...) É a cientificidade talvez apenas um temor e uma escapatória ante o pessimismo? Uma sutil legítima defesa contra a *verdade*? E, moralmente falando, algo como covardia e falsidade? E, amoralmente, uma astúcia? Ó Sócrates, Sócrates, foi este porventura o *teu* segredo? Ironista misterioso, foi esta, porventura, a tua ironia?” (GT/NT, prefácio, # 2, grifo meu).

Concluimos então, que o “socratismo” na filosofia do jovem Nietzsche já se desenha como um sintoma, um signo inegável do “conceito” *decadent*. De modo que, seguindo os próprios “passos filológicos” de Nietzsche, poderíamos extrair essa “primeira palavra” de seu vocabulário, tão cara à sua “retórica” que é o “conceito” de *decadent*. Entendendo aqui, retórica como um discurso interessado em produzir um efeito em seu leitor, influenciando, guiando seu interlocutor a caminhos nunca antes trilhados, levando este andarilho que tem como marca a “fome de conhecimento” à questionar até mesmo seu “mestre” Esse parece ser no presente instante, seu mais forte ensinamento, a saber, acima de tudo, duvidar sempre, mesmo que essa atitude emerge como uma convicção e que essa tenha por intento criar novas convicções, esses “muros da filosofia de cada um” na medida em que, cada corpo teria de criar para si sua própria filosofia.

Sendo que na posse de sua própria filosofia, dado esse primeiro passo criativo em direção à uma “filosofia artística” destruir sub-repitiadamente as “convicções” conquistadas, removendo a cada instante o solo que fizemos para caminharmos sob o sol, flutuando num eterno jogo de criar e destruir, como parece desenhar-se essa “filosofia dionisíaca” nietzschiana, que já em sua obra de estréia dá seus primeiros passos nessa trilha tão magnífica, leve e ao mesmo tempo tão tortuosa e pesada, ousando desafiar assim, até mesmo o “princípio da não-contradição” esse sustentáculo central da lógica, que na maioria das vezes, com raras exceções, rege a sinfonia do pensamento científico da modernidade.